2.ª SERIE. TOMO I.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 36. QUINTA FEIRA, 12 DE JULHO DE 1849. 8.º ANNO.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Instrucção Publica.

Quittez-moi votre serpe, instrument de dommage.

LAFONTAINE.

601 Se nas reflexões do Sr. Jeronymo J. de Mello [1] ao artigo 476 da Revista Universal não apparecessem taxadas de menos verdadeiras as arguições que fizemos ao Conselho Superior d'Instrucção Publica, não redarguiriamos por certo ao nosso illustre collega e amigo, e até de bom grado lhe concederiamos as honras do triumpho, porque não nos leva a inclinação a sustentar polemicas, e entreter o publico com argumentos de mero desvanecimento e vaidade.

Mas quando a materia é de tão geral interesse, e quando apoz a censura se ergue a voz de um vogal d'aquelle tão distincto como respeitavel corpo, e nos diz «fallastes de leve, accusastes sem motivos,» o silencio fôra a propria confissão da culpa, e o dedo do publico justiceiro poderia, sem embargo, estampar no fim do nosso humilde, mas consciencioso escripto, a affrontosa palavra — *calumnia*.

Ainda bem, que as rasões do nosso illustre adversario, não só não destroem as nossas asserções, mas até as roboram e completam, como procuraremos mostrar n'esta brevissima analyse.

O Sr. J. J. de Mello de certo não escreveu com o devido desafogo. Fallou como membro do Conselho Superior d'Instrucção Publica, e na defeza de uma causa menos justa, póde talvez applicar-se-lhe o sentencioso dito de Terencio: *nulla est tam facilis res, quin difficilis sit quam invitus facias*.

Reservando para outra occasião quanto diz respeito á instrucção superior, limitar-nos-hemos, por agora, á primaria e secundaria, ponto o mais principal da nossa divergencia.

Começa o Sr. J. J. de Mello: «tambem em these «adoptamos a grande conveniencia d'introduzir em «todos os ramos d'instrucção o ensino d'aquelles ra«mos industriaes. Mas poderá ella verificar-se em «hypothese?» Não acreditamos que o illustre auctor do artigo queira que, a creanças, se ensinem nas primeiras escholas ramos industriaes, nem que d'este modo entendesse o que haviamos escripto.

Desejámos, sim, que n'essas escholas entrassem logo, como elemento necessario, os rudimentos das sciencias naturaes, a exemplo d'Inglaterra, etc., etc. A isto responde-nos o Sr. J. J. de Mello: «é impossivel; que não ha mestres competentemente habilitados, e é preciso crear *especialidades*.» Mil vezes possivel, diremos nós, se houvessem compendios adquados; e o Conselho Superior d'Instrucção Publica poderá dar-nos a rasão de não haver creado até hoje *estas* especialidades.

Muito sentimos não havermos sido comprehendidos pelo nosso illustre collega, apesar das diligencias que empregámos para escrever com clareza. Nós quizemos demonstrar a importancia da applicação das sciencias naturaes ás artes; e dissemos que, para chegar a esse fim, era necessario diffundir o gosto por essas sciencias, ensinando-as geralmente como ramo d'educação; porque o mais depois viria. Isto é possivel agora e sempre. Mas querer ensinar ramos industriaes *ainda nas escholas primarias*, como diz o Sr. J. J. de Mello, não é possivel agora, nem jámais o será, ao menos sem o previo conhecimento dos principios d'aquellas sciencias, embora *se preparem d'antemão especialidades que não possuimos*.

«Ha mesmo muita difficuldade para achar mestres «capazes para o ensino das Humanidades,» continua o Sr. J. J. de Mello.

Acceitamos a confissão de um vogal do Conselho Superior, que bem mostra o estado da instrucção publica entre nós, e confirma a censura que fizemos de mui pouco ou nada se haver feito pela mesma instrucção! Qual será a causa de tamanha mingua de candidatos ao magisterio? O Conselho Superior não deve ignora-la. Se é por não haverem escholas especiaes, por que não tem elle promovido a sua creação?! Se as que temos podem supprir essas escholas, ao nosso illustre collega cumpria, era justa defeza do Conselho declarar qual é a origem do mal, e qual o remedio que se lhe tem applicado: d'outra sorte a responsabilidade é toda do Conselho Superior.

«... este Conselho, creado por fins de 1844 (foi em Setembro) «teve que explorar terreno inculto, e

[1] Vide Revista Universal de 21 de Junho.

«não achou estadisticas, etc., etc.» diz o Sr. J. J. de Mello, e mais uma vez nos dá rasão no que dissemos. Pois nem ao menos uma estadistica se fez no decurso de 10 annos?! Em 1834 (não iremos mais longe) começou a trabalhar o Conselho Director de Instrucção Publica, que, posto menos auctorisado que o actual Conselho Superior que em 1844 se lhe seguiu, nem por isso deixava de ter a seu cargo a direcção da instrucção primaria e secundaria. Mas, ó desgraça! corrida uma decada completa, entregou aos seus successores o terreno da Instrucção ainda inculto!! Não somos nós, é um vogal do presente Conselho que o diz. E note-se bem, que o Conselho Superior foi organisado com os mesmissimos vogaes do anterior, á excepção de um só, se bem nos recordamos! Seja-nos porém permittido não tirarmos mais illações d'esta franqueza do nosso illustre collega...

«Hoje sabe-se, e consta pelos relatorios remetti-«dos ao Governo, o estado material, intellectual e «moral de cada uma das escholas» continua o Sr. J. J. de Mello; e aponta mais cinco regulamentos para escholas, varias circulares sobre a intelligencia de um d'esses regulamentos, e alguns trabalhos em materia legislativa; e, para conhecimento de tudo isto, remette-nos para a Secretaria d'Estado, e para um indice chronologico da legislação relativa á instrucção primaria (que nos consta ser obra de pessoa estranha ao Conselho) «publicado ha pouco,» e para uns outros da legislação relativa á instrucção secundaria «que vão imprimir-se» e que tambem nos asseveram serem obra de um doutor em Direito.

Á vista d'isto, não admira que não soubessemos d'estes muitos ou poucos trabalhos do Conselho, e menos ainda que podessemos avaliar a sua importancia. É porém mui notavel, que sendo a data da lei d'Instrucção Publica de 1844, ainda agora esteja o Conselho Superior a fazer regulamento para a sua execução! E não é menos digno de reparo que se apresente á frente das suas producções a estadistica material, intellectual e moral das escholas, obra a que a nossa propria ignorancia não sabe negar utilidade, mas a que recusa dar a devida importancia para figurar, como dissemos, á frente dos trabalhos de um corpo tão illustrado como o Conselho Superior.

«O Conselho achou 3 lyceus, agora já ha 5 com-«pletos, e quasi todos os outros em exercicio» prosegue o Sr. J. J. de Mello. Embora, redarguimos, haja 10 ou 12, e mais lyceus se se quizer. Nós não fallámos de lyceus, tractámos dos estudos, que avançámos serem os mesmos que eram d'antes. O lyceu de Coimbra chamava-se em outro tempo o Collegio das Artes, e para muitos ainda é hoje o — Pateo. —

What there's is a name
The rose by any other name would
smell as sweet.

Lyceu, Collegio, Pateo é egual a latim, logica, rhetorica, grego, hebraico, e mais inglez, e mais allemão, e *menos* uma cadeira de latim, outra de grego, outra de geometria, que alli havia antigamente.

Mas se o nosso illustre collega está d'acordo comnosco sobre a necessidade de diffundir os conhecimentos das sciencias naturaes, por que não terá feito valer perante o Conselho a força de seus muitos conhecimentos e engenho, para que elle supplique, promova, e advogue incessantemente a causa d'essas sciencias, e consiga do Governo o estabelecimento das cadeiras de que falla o art.º 49 do Decreto de 20 de Setembro de 1844?

A isto chamariamos nós fazer alguma cousa em prol da instrucção publica, e não simplesmente o *organisar lyceus*, cousa que o Ministro do Reino faria com meia duzia de Decretos de nomeação dos professores, se se quizesse simplificar similhante arranjo. Com effeito a organisação dos lyceus tem dado mais que fazer ao Conselho Superior, do que a reforma geral dos estudos ao grande Pombal!

Finalmente, censura-nos o illustre auctor do artigo por havermos dado, diz elle, como condição essencial do progresso das letras e das artes uma longa paz europea. Responderemos ao Sr. Jeronymo José de Mello, citando textualmente o periodo do nosso escripto a que allude. «Além d'isto, a creação de «numerosas sociedades scientificas, a leitura de suas «producções periodicas, a reunião e livre pratica dos «sabios de diversos paizes por facilimas communica-«ções, e uma longa paz europea, não menos concor-«rerão para o augmento das sciencias e das artes.» Parece-nos que até a palavra *essencial* se não encontrará em parte alguma do nosso artigo! e accusa-nos o nosso illustre collega de havermos estabelecido proposições absolutas menos reflectidamente!! Voila comment l'on écrit l'histoire! Custa-nos muito que um homem distincto como o Sr. J. J. de Mello lêsse com tão pouca reflexão um escripto, que lhe mereceu a pena de tão miuda e cuidadosa resposta! Apesar d'isto, não duvidamos descer ao campo a que nos chama o nosso illustre adversario.

Que a paz é necessaria para a cultura das letras, é uma proposição incontroversa. E pedimos licença ao nosso illustre adversario para dizer-lhe, que não é mui curial a sua argumentação; porquanto, por haverem apparecido juizos raros e sublimes no meio de guerras, e transformações violentas d'estados, *taes excepções* não invalidam o principio geral de que as letras procuram o remanso da paz:

Carmina secessum scribentis et otia quærunt.
Ovid. — Trist.

Quantos exemplos * não poderiamos nós oppôr aos

* Não é exacto, e pedimos perdão ao Sr. J. J. de Mello, o dizer-se que o segundo periodo de Schiller e Goethe coincide com o das transformações violentas que mudaram a constituição do imperio germano: se se allude á confederação do Rheno, essa foi creada em 1806, e Schiller morreu em 1805, tempo em que a reputação de Goethe já estava feita. Biron e Walter Scott foram contemporaneos da lucta com a França, mas escreveram socegadamente em Inglaterra. Além d'isso, o Sr. J. J. de Mello sabe muito bem que o *great unknown* publicou o seu Waverley em 1814, e os outros romances depois de 1815; e quando começou a escreve-los, declinava já a sua reputação como poeta. Alfieri não se fez mais conhecido depois da revolução do que era antes d'ella. Tambem as nossas glorias litterarias não datam, como todos sabem, da epocha das nossas gloriosas conquistas, pois que lhes foram bem posteriores: são do meado do seculo XVI, e — se se quizer marcar o anno — depois de 1540. Por outro lado

apontados pelo illustre auctor do artigo, se quizessemos ostentar citações d'historia? A longa paz octaviana foi a edade de oiro das lettras romanas.

Mas, além d'isto, não tractámos sómente de sciencias e lettras. O nosso fim principal, senão unico, foi demonstrar as vantagens das sciencias naturaes applicadas ás artes, e debaixo d'este ponto de vista assiste-nos a rasão toda.

Se não fôra um terço de seculo de paz, que a Europa tem gozado, e com ella, póde dizer-se, quasi todo o mundo, teriam por ventura as artes e industria dado tão agigantados passos?

O Sr. J. de Mello tem mui solida e variada lição para desconhecer que a geographia, a archeologia, a geologia, a ethnologia, e tantos outros ramos dos conhecimentos humanos, não chegariam a perfeição que hoje teem, se a terra não fôra percorrida de polo a polo por numerosos viajantes, incolumes e protegidos. Teriam por acaso apparecido alguns genios transcendentes, mas isolados. É, porém, sómente a paz que junta em trabalho commum os sabios das diversas nações. O principio da associação dá os mesmos resultados, quer no mundo intellectual, quer no physico — em ambos, a união faz a força.

Além d'isso, os trabalhos industriaes requerem mais alguma coisa do que sciencia. O sabio dá a quota da intelligencia, o emprehendeder a quota material — os capitaes.

Depois das descobertas do sabio vem a creação da manufactura em grande, o resultado provavel da especulação mercantil, a sahida e consumo dos productos, etc., etc. E quando se levantam barricadas, fecham-se as fabricas, desapparece o dinheiro, e definha a industria. Oxalá não houveramos nós tido mesmo em caza uma tão triste experiencia d'estas duras verdades!

Se Camões poude, no meio dos conflictos d'Asia, compôr o seu immortal poema, de certo, nas mesmas circumstancias, não teria James Watt posto em mãos humanas um poder sobre-humano — o vapor. — A defeza de Syracusa é um facto singular, e não se encontra nas historias um segundo Archimedes.

Isto basta para que a nossa causa não fique correndo á revelia. Com muita repugnancia entrâmos n'esta questão; mas, chamados ao terreiro, defendemo-nos com as armas que nos deu o nosso proprio adversario. Foi elle que officialmente declarou, que, passados dez annos de experiencia do Conselho Director d'Instrucção Publica, aonde o terreno da instrucção se achava em pouzío, e nem sequer havia uma simples estadistica das escholas do reino! Foi elle quem nos disse (tão miseravel é o estado actual da instrucção publica!) que custa muito a achar mestres capazes para o ensino das humanidades, que sempre foram cultivadas entre nós, e por vezes com muito esplendor. Foi o mesmo illustre vogal do Conselho Superior quem a final esclareceu o publico ácerca dos trabalhos de tão distincto corpo durante cinco annos, a saber: meia duzia de regulamentos para as escholas, varias circulares relativas á sua intelligencia, alguns trabalhos em materia legislativa, e a estadistica das escholas do reino, providencias que ainda não viram a luz!

Temos toda a consideração pelos membros do Conselho Superior, respeitâmos os seus muitos conhecimentos; e quando vemos o estado de atrazamento, em que de presente se acha a instrucção publica, e o que apenas tem podido fazer em beneficio d'ella um conselho de pessoas das mais auctorisadas da Universidade, ajudadas, de mais a mais, por todos os doutores das diversas faculdades, queremos persuadir-nos que ha difficuldades estranhas ao mesmo Conselho, e que elle tão póde vencer pelos meios ordinarios; e quasi desesperâmos de um dia vermos entrar esta infeliz nação no caminho da illustração moderna!

O nosso proprio adversario fará justiça á pureza das nossas intenções: e se um dia nos acharmos com mais recursos, do que actualmente temos, para entrar na ponderosa questão da Instrucção Publica, quando ella se ventile n'esta nossa terra, temos plena confiança de que, descendo á arena do combate, havemos de encontrar o Sr. Jeronymo José de Mello do lado dos bons principios, e da conveniencia publica, para nos auxiliar com a sua muita lição e fino engenho.

R. Fernandes Thomaz.

em Portugal havia perfeita tranquillidade, quando se faziam as conquistas a immensas distancias.

*

Creação do bicho da seda.

(Carta.)

602 Sr. Redactor. — Posto que para Lisboa e varios pontos das provincias seja superfluo o annuncio que abaixo transcrevo, e que rogo a V. o obsequio de publicar na Revista Universal Lisbonense, é comtudo por prevenção a que algum novo curioso creador de bichos de seda, que ignore a sahida que póde dar ao casulo, que verifico a repetição.

Quando V. publicou a minha ultima exposição, em que não só lamentei o não ver inda os nossos fabricantes de seda na posse da vantagem que teem de gosar, logo que tenham a materia prima do paiz, como relatei o que occorreu este anno na Caza Pia em Belem, sobre as creações dos bichos da seda, que finalmente estão alli encarreiradas a successivo augmento (assim a Ill.ma Commissão Administrativa não despreze o recurso, que por tantas vezes lhe tenho lembrado, no augmento da plantação d'amoreiras na frente do edificio), e aproveite a occasião de fazer conhecer aos incredulos, que podiam ir alli ter o desengano se se conseguia ou não fazer a creação dos bichos livre do máu cheiro, que a muita gente serve de pretexto para a não emprehender.

Como confirmação ás immensas vantagens que ao paiz póde provir do desinvolvimento d'esta industria, acrescentou V. o importante calculo sobre o grande valor que a França colhe da plantação das amoreiras pelas estradas e mais locaes apropriados, e na distribuição das vantagens que ellas produzem lá se encontra a parte que toca ás Municipalidades. Circumstancia que ainda não foi possivel arraigar em convicção nas nossas Camaras Municipaes, ao mesmo tempo que lamentam não poderem, por falta de meios,

ter cazerneiros que vigiem pela conservação das estradas, quando, se reflectissem, ou quizessem prestar alguma attenção ao que por tantas vezes se lhes tem lembrado e publicado, achariam esse recurso na venda da folha aos creadores do bicho da seda.

Apesar de que as irregularidades nas estações d'este anno tivessem atacado as creações dos bichos da seda, é só para confirmar o quanto ellas se podem tornar productivas quando forem bem dirigidas, que indico o peso do casulo de que fiz escolha para apurar semente.

200 Casulos escolhidos, e de uma só femea, pesárão	15/o	3/8
200 Ditos, e de um só macho, pesárão	14/o	5/8
400 Casulos pesárão	30/o	

Por este resultado reconhecerão os entendedores não ser estranho que em melhor anno se possa conseguir maior peso; mas é o meu principal fim demonstrar por todas as fórmas aos creadores de máu casulo, que elles não fazem por ora senão estragar folha, e apresentar pessimo casulo, que nunca lhe póde ser pago pelo preço do bom; sendo o systema que tenho adoptado o de os desenganar com a vista do bom casulo que crio, ou que compro aos poucos curiosos que por ora apparecem entendedores no systema de os crear, unicos que sabem dar o devido valor á boa semente, sem a qual jámais conseguirão ter bons bichos.

Devendo as Camaras Legislativas terminar seus trabalhos em poucos dias, e sendo então que os Ministros teem de principiar a applicar a sua attenção aos interesses materiaes do paiz, não tardarei em tractar do da seda, cujo desinvolvimento, tendo já não insignificantes difficuldades vencidas, torna-se muito mais facil collocar esta nova e util industria na sua devida posição; e depois dirá o que for occorrendo quem é

Lisboa, 4 de Julho de 1849.

De V. , etc.

ANTONIO PEDRO DE SALES.

Antonio Pedro de Sales, repetindo o annuncio dos annos antecedentes, lembra aos possuidores de casulo, que ou lh'os compra, ou os fia por conta de seus donos, caso a porção possa pelo menos entreter o trabalho da fiadeira durante um dia, o que se executa em Barcarena com a sabida perfeição; e a quem convier, por commodidade, tractar em Lisboa de qualquer dos dois indicados meios, dirija-se á rua das Flôres n.º 37.

Sanguesugas mechanicas.

603 LEMOS em um jornal francez a seguinte descripção de uma descoberta, feita por M. Alexandre, que deve substituir o uso das sanguesugas.

«O apparelho compõe-se de dois tubos, um que o auctor denomina *sanguesuga mechanica sugadora*, e o outro *escarificador*.

«A primeira compõe-se de um pequeno tubo de vidro, cortado em bizel na sua extremidade exterior; na outra extremidade tem adaptado um pequeno pistão, composto de um certo numero de rodellas de caoutchouc: sobre este pistão está um pequeno annel de cobre, terminado por uma especie de copinho do mesmo metal. Pelo annel passa uma fita de caoutchouc, que é presa a um pequeno capitel de buxo, que se adapta exactamente na extremidade do tubo de vidro. Este capitel tem um furo pelo qual se introduz um ponteiro, que vem depois prender-se junto ao annel de cobre, e que impelle o pistão de cima para baixo, de modo que possa produzir o vacuo no tubo.

«O segundo apparelho, isto é o *escarificador*, é construido do mesmo modo que o precedente, com a unica differença de que o inventor lhe ajuntou uma pequena lanceta triangular, que se move por meio de uma especie de alavanca. Quando esta é abandonada a si mesma, a lanceta vem picar o corpo, com o qual a extremidade do tubo de vidro está em contacto, e faz uma incisão triangular da profundidade de quasi uma linha.

«Isto posto, será facil fazer idéa do modo como o apparelho opera.

«Quando se pertende fazer uso d'elle, começa-se por molhar a pelle, onde elle se deve applicar. Tomando depois o escarificador, introduz-se o ponteiro pela extremidade superior, e move-se por meio d'elle, de cima para baixo, o pistão, e produz-se o vacuo em toda a evtensão do tubo. Applica-se depois a extremidade livre do tubo sobre a pelle, e abandona-se o apparelho a si mesmo. Effectua-se então o mesmo que apparece nas ventosas ordinarias, porém por um meio um pouco differente; e a pelle, sobre a qual o tubo está applicado, incha attrahindo um fluxo consideravel de fluidos. N'este momento larga-se o escarificador, que faz na pelle uma incisão triangular, e o sangue, attrahido pela pressão atmospherica, afflue para o apparelho. Tira-se então o apparelho *escarificador*, e substitue-se pela *sanguesuga sugadora*, que opera por um mechanismo similhante ao precedente.

«Quando o sangue se coagula, tira-se o apparelho, lava-se a incisão, e torna-se a collocar o apparelho sugador.

«Este apparelho tem a vantagem de mostrar a quantidade exacta de sangue extrahido ao doente, vantagem que se não tem pela applicação das sanguesugas ordinarias.

«Á primeira vista entra-se em duvida se este apparelho se póde applicar a todas as partes do corpo. As observações e experiencias feitas por M. Poiseuille, commissario deputado pela Academia de Medicina de París para examinar esta invenção, demonstraram que em todas as partes do corpo este apparelho ministrou uma quantidade de sangue consideravel. Este resultado, annunciado por um sabio medico, cuja auctoridade é incontestavel, demonstra bem as grandes vantagens de similhante invento.

«M. Alexandre dispendeu muitas vigilias e annos na descoberta e perfeição d'este machinismo.»

Tratado das doenças das arvores fructiferas, do meio de as evitar, e de as curar,

Por Ferdinand Rubens, professor de arboricultura, e director da Sociedade de Economia rural da Prussia Rhenana.

CAPITULO II.

MEIOS DE CURAR AS DOENÇAS DAS ARVORES.

(Continuado de pag. 441.)

§. 10.º — *Melado.*

604 O MELADO é uma substancia viscosa, adocicada e transparente, que faz contractar as partes delicadas dos vasos pequenos, e como que faz parar a circulação da seiva. As folhas e os ramos, e algumas vezes arvores inteiras, são destruidas por este mal.

É pela primavera, quando a seiva está em plena actividade, e que uma noite fria succede a um dia quente, que esta molestia se gera. Esta mudança repentina da temperatura impede a transpiração nas flôres e folhas; a seiva então se torna espessa: no dia seguinte os raios ardentes do sol produzem uma recrudescencia na circulação da seiva, que é expulsa atravez dos poros para a superficie da casca, onde apparece sob o aspecto de um licor viscoso. O pulgão, que apparece ordinariamente depois do melado, não são a causa, como muitos pomologos julgam, porém a consequencia. Como é que estes insectos gerariam o melado, quando elles se criam só depois da apparição da doença? Esta molestia ataca muitas vezes as arvores desde o instante em que os rebentos começam a encher-se, e o pulgão não apparece senão depois do desinvolvimento dos botões em flôres e folhas. Além de que o insecto não ataca de ordinario senão as especies de pereiras mais delicadas, que existem em sitios fechados e abrigados dos ventos.

O melado apparece tambem muitas vezes depois de um nevoeiro secco, a que succede repentinamente um resfriamento da atmosphera, assim como aconteceu na primavera de 1839. A estagnação da seiva, que resulta d'este descer da temperatura, faz com que se contractem e torçam os vasos, de modo que obriga a seiva a procurar sahida pela superficie das folhas. O que prova sufficientemente que esta doença é causada por uma mudança subita da temperatura, é que se um dia frio e sem sol succede a uma noite fria; se o mez de Maio é mais frio do que quente; se existe, durante o dia e a noite, uma temperatura uniforme, a seiva, não se tornando senão muito lentamente liquida, conserva a sua circulação normal, e não apparece este mal.

Não se devem tomar por symptomas d'esta molestia, as gotas de seiva, que se observam algumas vezes sobre os botões das flôres, mas ainda não abertas, das maceeiras. Estas gotas provém dos estragos feitos pelos insectos, que se introduzem no interior dos botões para os roerem, e que lhes causam a morte. Se estes insectos forem em grande numero, podem até causar a ruina de todos os fructos. Os mais nocivos são as lagartas *phalaris auriflua*, e muitas especies das que fazem enrolarem-se as folhas, e de que ao diante fallaremos.

O melado não ataca de ordinario senão as maceeiras, raras vezes as pereiras, e quasi nunca as arvores de caroço.

Se as arvores forem ainda novas, basta o mais das vezes, para as curar, regar levemente as folhas; porém nas grandes arvores, em que se não póde empregar este meio, só uma forte chuva é que é capaz de restabelecer a transpiração, e em seguida promover a saude da arvore, que está doente d'este mal.

O *branco* é uma materia esbranquiçada e pegajosa, que apparece n'uma camada delgada, e semelha farinha que adheriu á arvore: obstruindo os poros, tira-lhes a transpiração.

Entre os remedios, que se devem usar para curar este mal, conta-se como efficaz as cinzas do tabaco, com que se apolvilham as folhas depois de se haverem humedecido. Um horticultor inglez, *James Scirke*, refere que curou esta molestia sobre um grande numero de pecegueiros, tendo, em Janeiro ou Fevereiro, tirado a terra velha das raizes das arvores doentes, e substituindo-a por terra nova e relva, que começava a decompor-se, sem nenhuma outra especie de estrume. *Towosend* cita como meio efficaz para destruir o *branco* regas de agua de cal, dadas em muitas tardes consecutivas.

§. 11.º — *Cloque* [1].

Esta molestia, que ataca, de ordinario, os pecegueiros, desinvolve-se quasi sempre passadas algumas semanas do principio da primavera até ao mez de Junho. As folhas encarquilham-se, e enchem-se de pequenas bolhas. O tecido se aperta e apodrece: a superficie se torna aspera, e adquire uma côr vermelha, amarella e branca. Muitas vezes esta molestia ataca os rebentos novos, que tomam uma côr de um branco amarellado, não crescem, murcham e cahem. Os fructos engelham-se, e perdem-se: emfim toda a economia da arvore fica alterada.

Esta molestia resulta de um resfriamento; porque é quando na primavera, depois de muitos dias quentes, que acceleram a vegetação, succede virem ventos frios que fazem parar a evaporação, que ella apparece de ordinario [2]. Se o mal não for muito grande, basta cortar os botões e as folhas atacadas, e pôr nova terra na arvore; porém se todo o pecegueiro, ou a maior parte das suas folhas, adoece do mal, convém, logo que a temperatura se abrandar, cortar a metade ou os dois terços dos rebentos novos, sobre os quaes apparece o maior numero de folhas encarquilhadas. O decote deve-se fazer por cima de um ramo lateral, d'onde parecer que deve sahir um novo rebento. É bom tambem arrancar todas as folhas atacadas.

(Continuar-se-ha.)

[1] Conservamos o nome francez, porque á falta de um diccionario proprio, preferimos usar de um nome francez, do que darmos um nome falso,

[2] De todas as arvores fructiferas, o pecegueiro é a mais sensivel ás variações da temperatura, por causa da grande abundancia da sua seiva.

605 RENDIMENTO DA ALFANDEGA GRANDE DE

Annos e mezes	Direitos geraes	Depositos			
		Addicional	Sete por cento	5.° differencial	Cinco por cento addicionaes
1848					
Julho	165:420 $ 039	5:751 $ 163	10:678 $ 949	356 $ 017	9:114 $ 795
Agosto	170:192 $ 431	6:861 $ 111	10:849 $ 567	469 $ 183	9:426 $ 194
Setembro.	183:312 $ 056	5:090 $ 918	11:501 $ 687	613 $ 856	9:970 $ 514
Outubro	177:400 $ 981	13:269 $ 225	11:518 $ 968	540 $ 941	10:113 $ 982
Novembro	137:260 $ 143	4:787 $ 882	8:861 $ 155	846 $ 991	7:590 $ 622
Dezembro	109:230 $ 277	7:903 $ 428	6:388 $ 207	220 $ 917	6:183 $ 617
1849					
Janeiro	155:117 $ 461	5:909 $ 046	9:984 $ 533	534 $ 546	8:566 $ 481
Fevereiro	151:739 $ 800	4:648 $ 528	10:443 $ 475	186 $ 271	8:362 $ 066
Março	164:205 $ 705	8:810 $ 242	36:486 $ 883	462 $ 052	10:519 $ 226
Abril	136:296 $ 540	8:241 $ 497	9:413 $ 712	360 $ 312	7:724 $ 258
Maio.	166:681 $ 524	8:525 $ 559	11:507 $ 152	300 $ 377	9:000 $ 527
Junho	132:970 $ 799	4:277 $ 802	9:176 $ 321	314 $ 099	6:978 $ 142
Somma	1:849.827 $ 756	84:076 $ 401	146:810 $ 609	5:205 $ 562	103:555 $ 424

No rendimento comprehendem-se R.^{s} 2:756 $ 455, par-

Durante o anno recebeu a Junta do

Alfandega Grande de Lis-

Methodo para conhecer o peso da carne dos bois.

Varios dos nossos assignantes nos teem pedido um methodo para saberem o peso de um boi por meio de medida linear. Temos lembrança de que já em um jornal portuguez, o *Panorama*, se publicou um artigo a este respeito; não sabemos se acaso será o seguinte, que extrahimos do *Journal des Connaissances Utiles*.

606 M. Mathieu de Dombasle publicou, segundo um agricultor flamengo lh'o communicou, um meio de reconhecer, de uma maneira quasi exacta, o peso dos bois.

Este processo consiste na medição do perimetro do thorax do animal por meio de uma fita graduada.

A primeira divisão é de um metro e 32 centimetros * da extremidade. Este comprimento é o da circumferencia de um boi com 350 libras de carne. As marcas seguintes são collocadas em distancias, que correspondem a um meio quintal ou 50 arrateis de carne: estas distancias são reguladas do modo seguinte:

A 1.ª marca a	1 metro	820 millimetros.	
A 1.ª divisão da distancia entre a 1.ª e 2.ª marca é de	»	73	»
A 2.ª	»	72	»
A 3.ª	»	71	»
A 4.ª	»	69	»
A 5.ª	»	65	»
A 6.ª	»	64	»
A 7.ª	»	59	»
	2	290	

Assim a medida de um boi de 350 arrateis sendo de um metro e 82 centimetros, a de um boi de 700 será de 2 metros e 29 centimetros, e a escala deverá ser feita do modo seguinte para o comprimento da medida de meio quintal de carne:

Medida de um boi de	350	libras	1 metro	820	mil.
»	400	»	1 »	893	»
»	450	»	1 »	965	»
»	500	»	2 »	36	»
»	550	»	2 »	105	»

* Um metro é egual a 4 palmos e meio: — um decimetro é egual a 3 pollegadas e 4 linhas: — um centimetro é egual a 4 linhas: — e um millimetro é egual a 5 pontos.

LISBOA NO ANNO ECONOMICO DE 1848 A 1849.

Transferencias do cofre dos emolumentos, etc, para a receita geral	Agio das Notas	TOTAL	Imposto para amortisação de Notas		TOTAL GERAL
			Notas	Total	
2:092$043	26:221$268	219:634$274	11:992$800	12:243$586	231:877$860
2:230$061	$	200.028$547	19:309$200	19:658$262	219:686$809
2:262$662	$	212:751$693	18:356$400	18:728$504	231:480$197
2:339$026	$	215:183$123	20.798$400	21:157$080	236:340$203
1:906$327	$	161:253$120	15.283$200	15.576$073	176:829$193
1:641$194	$	131:572$640	12:680$400	12:904$308	144:476$948
4:082$798	$	184:194$865	15:812$400	16.119$587	200:314$452
2:246$997	$	177:627$137	17:155$200	17:508$005	195:135$142
2:312$876	2:657$944	225:454$928	18:958$800	19:304$615	244:759$543
2:077$235	$	164:113$554	15:668$400	15.957$592	180:071$146
2:308$575	$	198:323$714	19:092$000	19:488$272	217:811$986
1:972$150	$	155:689$313	14:912$400	15:205$309	170:894$622
27:471$944	28.879$212	2:245:826$908	200:019$600	203:851$193	2:449:678$101

te pertencente á Fazenda no producto das Tomadias.
Credito Publico R.s 335:559$160.

boa, 30 de Junho de 1849.

Antonio Joaquim Carvalho e Oliveira.

Medida de um boi de 600 libras 2 metro 170 mil.
» 650 » 2 » 231 »
» 700 » 2 » 290 »

Quando se quizer fazer a medição de um boi, a pessoa que a for fazer colloca-se junto da espalda esquerda do animal, e, tendo em uma das mãos a extremidade não graduada da medida, passa a outra extremidade por entre as pernas do boi; por exemplo, por detraz da perna esquerda e por diante da direita. Outra pessoa, collocada do outro lado do boi, toma esta ultima extremidade da medida por diante da perna direita, e fazendo passar por cima da espalda direita, a dá ao outro individuo, que junta as duas extremidades na parte mais elevada das duas omoplatas. Do lado d'onde a medida passa por detraz da perna, deve subir por detraz da espalda; e do lado onde ella passa por diante, deve subir até ao chato da espalda.

O operador, depois de ter approximada da extremidade não graduada da medida a parte d'esta que alli vier tocar apertando moderadamente, nota o logar com a mão direita, e largando a outra extremidade, pucha para si a medida, e conta o numero de divisões e de fracções de divisão, que dá a medida do boi.

Para que esta operação saia perfeita, é necessario que o boi esteja bem collocado, isto é, que uma perna não esteja mais para diante do que a outra. Para mais certeza convém proceder logo á contraprova fazendo esta operação do outro lado do animal, e evitando que o boi se mecha entre estas duas operações.

A posição do boi influe muito na boa medida. A cabeça deve estar collocada na sua posição ordinaria, isto é, que esteja direita, e que não esteja nem muito alta, nem muito baixa.

M. M. de Dombasle observou, que quanto mais o animal é grosso, mais a proporção da divisão é decrescente: assim, de 350 a 450 lb. ella é de 7 centimetros, emquanto é apenas de 5 para os bois de 1.000 a 1.100 lb.

Póde applicar-se esta medição aos carneiros; porém aqui os dados são menos certos por causa da lã d'estes animaes.

Este methodo é praticado pelos discipulos da quinta-modelo de Roville; sendo raro que elles se enganem em mais de 15 a 20 lb.

PARTE LITTERARIA.

Que fizeram do cadaver d'el-rei D. Fernando I?

607 Diz o auctor das *Viagens na minha terra*, n'aquelle seu lindo livro, que — estivera tentado a furtar a caveira d'el-rei D. Fernando, quando visitou o seu tumulo em S. Francisco de Santarem. E accrescenta: «Se acreditasse na physionomia, parece-me que não tinha resistido. Não creio na sciencia, felizmente — n'este caso — para a minha consciencia. Tambem não sei o que faria, se a caveira fosse de outro homem. Mas o 'fraco rei' que fez 'fraca a forte gente' não são reliquias as suas que se guardem.»

Não pensava assim outro homem, que, pouco tempo depois, foi tambem áquella villa visitar os seus nobres monumentos. Pela noite dirigiu-se a S. Francisco; passou o braço por esse rombo grosseiro praticado na parece da frente do sarcophago, por onde tambem o Sr. Garrett passára o seu, e, cubiçoso de possuir a cabeça do rei formoso, que cercou de muralhas Lisboa, furtou effectivamente a caveira d'el-rei D. Fernando I, e embrulhando-a em um lenço, dirigiu-se com passos mal seguros para a hospedaria, em que devia pernoitar, parecendo-lhe ver em cada sombra um vingador celeste d'esta profanação, ou um emissario da justiça da terra, que tentava prende-lo como ladrão.

Chegou em paz á estalagem.

Remorsos, porém e conselhos de alguns amigos o resolveram a restituir ao seu tumulo a caveira do bello rei — tão differente agora do que fôra em vida! — Parte novamente para S. Francisco com os restos do Real cadaver, — mas antes d'isso arranca-lhe dois dentes e um pedaço de cabello, que guarda religiosamente na sua carteira.

¿Ainda estará no seu tumulo essa caveira? É o que ignorâmos.

Quanto aos dentes e cabellos que mencionámos, tiveram um triste e prosaico fim.

Eram passados dois annos sobre o acontecimento, quando o antiquario roubador, encostado ao balcão de uma janella no Bairro-Alto, mostrava ao seu melhor amigo esta reliquia do passado. Chovia miudo; estava um lamaçal horrivel. O papel que continha aquelles restos Reaes, escapa-lhe das mãos, resvala de andar em andar, e desappareceu no monturo da rua.

¿Que terá acontecido ás outras partes d'este cadaver? E aos cadaveres de tantos homens grandes, cujos tumulos teem sido profanados, ou de que se ignora o jazigo? E Duarte Pacheco, e Camões, e o Jáo..... A proposito — o pobre Jáo *Antonio*, que alimentou em seus ultimos dias o nosso maior poeta, e do qual ninguem se cançou ainda em indagar o fim e a sepultura!

Olhae pelos monumentos, — lembrae-vos de vós mesmos. *As cinzas de vossos avós lançaste-as ao vento, vossos netos lançarão ao vento as vossas.*

O que vos contei dos restos de D. Fernando, é verdadeiro de todo o ponto.

O fanatico de antigualhas morreu ha poucos mezes. Foi pena, que era um homem honrado... e ficaram por cá tão poucos!...

2 de Julho, 1849. F. M. B.

O cholera!

608 Já para nós se avisinha
O castigo do Senhor..,
Por todo o mundo caminha
Terrivel... devastador!
É o fero irmão da guerra
Que das entranhas da terra
Rugindo se levantou!...
Que paira sobre os imperios...
Paira... e desce... e em cemiterios
Pod'rosos reinos tornou!

Vae á cidade opulenta...
Tudo o que encontra destroe!..,
Da morte foice cruenta
Ceifa o sabio, o forte, o heroe!...
Nem ao menos seu pae chora
Triste o filho! — Á mesma hora
Da vida perdem a luz:...
Ambos o frio peito
Descançam no mesmo leito...
Ambos tem a mesma cruz!...

O pequenino embalado
Nos braços de sua irmã...
Que á noite o tinha beijado...
Que a chama pela manhã...
Nunca mais a doce amiga,
Que a tenra infancia lhe abriga,
Torna a beijar... torna a vêr!
Ao seu grito, que retumba
Pelos valles — só da tumba
Podem echos responder!

Volta alegre o viajante
Para a terra que o creou...
O tão suspirado instante
De vêr os seus já chegou!...
Contente... do mar nas aguas
Sepulta todas as maguas...
Deixa da ausencia o pesar!...
Caminha com anciedade...
Bate á porta... em soledade
É todo o paterno lar!...

E sobre nós este açoite
Não tarda Deus a estender!
Em triste... sombria noite
Portugal ha de jazer!!...
Ai! triste! fatal... sombria...
E quando vier o dia...
Quem desponta-lo verá?!...
Quem é fadado em tal hora

Que a nova luz d'essa aurora
Sem um lucto fitará?!...

Que fizeste, ó pobre povo,
Ó minha afflicta nação,
Para vir este mal novo
Sobre ti... sem compaixão?!
Duvidaste da existencia...
Da justiça... omnipotencia
Do Deus de nossos avós?!
Acaso a santa bandeira,
Temida em terra estrangeira,
Foi deshonrada por nós?!

Confessa, povo, — se o templo
Foi profanado por ti?!
Se a desgraça que eu contemplo
Sobre a terra em que nasci...
Se esta falsa liberdade,
Que te rouba a f'licidade,
Tu proprio a foste buscar?!
Dize... se a Deus insultaste...
Se a sua ira tentaste...
Para assim te castigar?!

Não foste... não, desgraçado!
E ha de o povo portuguez,
Senhor, sem ser o culpado
Ir pagar o que outrem fez!?
Se errámos — não foi bastante
Essa guerra chammejante
Que os campos nos devastou?!
Não fomos já castigados
Quando os nossos bons soldados
Mão estranha desarmou?!...

São *grandes* os criminosos...
Vós sabeis quem elles são!...
Talvez agora... medrosos!...
Escondam a face... em vão!...
Em vão?... quem sabe?... um só grito
Que solte o peito contrito...
E eis-lhe patente o céu!...
Dá-lhes, Senhor, uma hora
Como ao rei David outr'ora
A vossa clemencia deu!...

Mas este povo um só crime
Que eu lh'o conheça não tem!
Sobre quem tyranno o opprime
É que este castigo vem!...
Por esses que nos perderam...
Que o vosso nome esqueceram,
Minha oração escutae!...
Oh! por vosso sangue e dores
Da nossa infamia os auctores,
Como a nós, do mal poupae!...

E se acabou a piedade...
Sofframos mais esta dor!...
Faça-se a vossa vontade,
Que sois pae... sois Deus, Senhor!
Humildes... os portuguezes
Hão de o fel até ás fezes
D'este calix esgotar!...
Da morte no atroz momento
Ter-te-hão no pensamento...
Por teu nome hão de chamar!...

.....
.....

E *Ella*, Senhor, e *Ella*,
Tambem *Ella* ha de morrer?!
Essa innocente donzella
Ha de ao sepulchro descer?
Ai! que mal póde ter feito,
Se dentro d'aquelle peito
Bate puro o coração?!
Cortar da haste viçosa
Aquella flor tão mimosa
Não cortareis... isso não!...

Mas se no céu mais um anjo...
Mais um anjo Deus quizer?...
Se manda á terra um archanjo
Buscar-me aquella mulher?...
Se rijo soprar o vento,
E levar ao firmamento
A branca flôr do jasmim?!
Se a funesta... ingrata sorte
Me não der com *Ella* a morte...
Que será então de mim?!

Oh! Senhor!... dura provança...,
Terrivel... de certo é!
Mas sempre em vós tenho esp'rança...
Que nunca me falta a fé!...
Esse castigo tremendo
Haveis de vós ir sustendo...
Poupando a minha nação!...
Mas se a espada está erguida,
Cortae-me o fio da vida...
Ve-la morrer... isso não!...

F. Palha.

NOTICIAS.

Actos Officiaes.

5 a 11 de Julho.

Diario n.º 156.

609 Para conhecimento do Corpo do Commercio, e de quem mais possa interessar, se faz publico um extracto das communicações do Consul Geral de Portugal em Londres, ultimamente recebidas n'este Ministerio.

Vinho. — As vendas publicas do vinho do Porto tem continuado; o que tem causado ao commercio regular dos vinhos uma grande estagnação.

Não é possivel formar uma idéa exacta do effeito que terão no mercado de vinho estas vendas: actualmente regula de lib. 35 até lib. 14 por pipa, conforme a sua qualidade e marcas; porém as vendas

por mais altos preços que lib. 26 a 14, são difficultosas de realisar-se.

Os vinhos de segunda qualidade são já mais raros de encontrar-se, e por conseguinte o preço de lib. 15 a 16 por pipa sustenta-se.

Infelizmente para o commercio tem vindo do Porto vinhos de muito inferior qualidade e adulterados; o que em grande parte tem sido a causa de hoje não ter aquelle consumo que em outro tempo tinham, e de não serem tão estimados.

Milho. — A qualidade do de Vianna, Caminha e Porto é preferivel ao das Ilhas dos Açôres; os preços variam.

Fructa. — A *laranja* e *limão* tem grande consumo: os preços alteram-se conforme a abundancia do mercado. Os direitos são de 3 s. e 9 d. por cada meia caixa, com 5 por cento sobre os direitos.

A *uva vinda de Lisboa* tem encontrado bom mercado, e vende-se mui promptamente: quanto ao proço depende muito do estado em que ella chega. Os direitos são de 5 por cento sobre o seu valor com mais 5 por cento sobre os direitos.

Cortiça. — É um artigo que egualmente tem grande venda; a cortiça que vem de Faro está hoje em menos estima do que a carregada em Sines; esta é mais bem escolhida, e por isso sempre alcança um melhor preço. O preço d'esta cortiça varia muito de lib. 50 até 10 por tonellada. A que vem do Porto regula de lib. 25 até 10 por tonellada: este artigo é livre de direitos.

Urzella. — A que vem dos Açôres regula entre lib. 25 a 30 por tonellada: a que vem da Costa d'Africa de lib. 40 a 45.

Deve notar-se que conforme as leis da navegação hoje existentes, não póde ser importada para consumo do paiz senão em direitura d'Africa, como do logar da sua producção. Este artigo é egualmente livre de direitos.

Figos. — Os do Algarve são menos estimados que os da Turquia: convém que sejam mais bem escolhidos e melhor empacotados; seria preferivel que em vez de serem mandados em pequenas ceiras, o fossem em caixas pequenas, pesando não menos do que 7 até 20 arrateis cada uma; talvez que assim tivessem n'este mercado mais acceitação. Os direitos são de 15 s. por 112 libras, e mais 5 por cento.

Alfarroba. — É genero que tem sido approvado para engordar gado, porém é só nos mezes de inverno que este genero tem melhor venda: o preço que tem alcançado é de lib. 4 até 6 por tonellada; e talvez que, se a exportação se generalisasse mais, o consumo fosse tambem mais avultado.

Estado do Banco de Portugal:

Notas do Banco de Portugal em circulação	370:070$000
Depositos — moeda metalica	338:998$011
Numerario metalico em caixa . . .	749:159$134
Prata além do dito numerario . . .	8:875$200

—

Dito n.º 157.

Portaria mandando activar a venda dos bens nacionaes, designados para amortisação das Notas do Banco de Lisboa.

Officio do Consul Geral de Portugal no Rio de Janeiro, relatando o naufragio que soffrêra a náu Vasco da Gama, na entrada d'aquelle porto; bem como a subscripção feita entre trinta portuguezes, residentes n'aquella cidade, para o fim de reparar os estragos que a náu soffrêra, e que se calculam em cento e vinte contos de réis.

—

Dito n.º 158.

Relatorio que o Administrador da Imprensa nacional apresentou ao Governo sobre a gerencia da sua administração na dita Imprensa nacional.

Uma participação do Consul portuguez do Pará, dando conta de haver falta n'aquella praça de varios productos de Portugal.

Carta de Lei declarando extensivas varias disposições do Codigo commercial portuguez a todos aquelles que fizerem da mercancia profissão habitual.

—

Dito n.º 160.

Carta de Lei auctorisando o Governo a regular a exportação dos vinhos do Alto Doiro.

Outra auctorisando o Governo a fornecer por emprestimo aos lavradores, que soffreram tempestades e alluviões, no presente anno, os cereaes precisos para a nova sementeira.

Outra auctorisando o Governo a dispender a quantia de 18 contos com a colonia agricola, que se ha de fundar no districto de Mossamedes, em Angola.

Algumas observações sobre a tempestade do dia 21 de Junho.

610 Offerecemos á consideração dos curiosos e intelligentes na materia as seguintes especialidades, que tornam, em o nosso conceito, o seu objecto muito digno de attenção.

Em primeiro logar, o seu curso foi todo — se o termo nos é permittido — de bordagens. Começando, segundo nos consta, pela Vidigueira, dividiu-se em dois ramos: um, que declinou para a esquerda, sobre Evora, e o outro para a direita, sobre o Redondo.

Depois, estes dois ramos convergiram e formaram um só corpo sobre S. Miguel de Machêde; e foi então, e foi d'ahi, que ella começou a produzir os seus maiores estragos.

Açoitando desapiedadamente as fraldas austraes da serra d'Ossa e suas immediações, foi-se alongando pela encosta sobre a esquerda até Evora-Monte: d'ahi obliquou alguma coisa sobre a direita até Estremoz, e, formando um angulo obtuso para Sousel, tornou a declinar para a direita sobre Fronteira, e assim por diante até passar o Tejo, e perder-se, emfim, na Beira-Baixa.

2.º Todo esse dia de manhã, e ainda grande parte da tarde, ventou do Sudoeste, mas brandamente: mudou depois a N. Noroeste, soprando rijo, até que, nos fins da tarde, saltando de repente á parte opposta, arrojou a tempestade com todo o impeto sobre os pontos mencionados.

No furor da tempestade ventava Sul; mas, pouco depois, mudou de direcção, e soprou de plagas di-

versas, de maneira que em alguns pontos retrocedeu, e reproduziu novos estragos.

A electricidade fusilava tambem de toda a parte, e em todas as direcções, com intervallo apenas de alguns instantes.

Segundo as informações, que podémos obter, as cargas de granizo foram muito desiguaes — desiguaes em força, desiguaes em calibre, e desiguaes em intensidade.

Nós tivemos logar de notar estas differenças mesmo de dentro de caza; e nas mesmas vidraças ainda hoje se vêem vidros inteiros e sãos a par de outros, que foram feitos em mil pedaços.

O que sobretudo, porém, n'este genero nos admirou, foi: 1.º, ver no meio de um vidro destacado um perfeito furame, ileso o resto, como se uma bala de perto o houvesse atravessado! — 2.º, ver descascados alguns arbustos rijos e flexiveis, como se o fogo os tivesse crestado e requeimado!

4.º Na mesma propriedade deparou-se com arvores contiguas cahidas em direcções oppostas; e umas tronchadas sómente, outras arrancadas pela raiz.

Em partes o arvoredo dos valles soffreu mais que o das encostas e summidades; em partes succedeu o contrario.

Em geral, quanto mais forte era o arvoredo, tanto maiores foram os estragss.

5.º Das tres faiscas electricas, que cahiram no aquartelamento de lanceiros n.º 1, em Estremoz, nenhuma d'ellas buscou as cazas de arrecadação, abundantissimas em metaes; nenhuma d'ellas buscou os pontos mais elevados do edificio, inclusivè uma torre com sinos e uma grimpa de ferro, e junto á qual cahiram duas, uma de cada lado, a curtas distancias.

As grandes summidades do castello da mesma villa tambem ficaram ilesas.

Ao mesmo tempo que isto se passava no interior da provincia, a nove leguas de distancia — em Badajoz — descarregava uma similhante tempestade muito menos extensa, mas de uma intensidade espantosa.

Cartas fidedignas nos participam, que do grande regimento de Malaga, que se achava em revista a pouca distancia da cidade, mais de 800 praças ficaram contusas, e grande parte d'estas gravemente.

O granizo era geralmente de uma a duas libras, e angular. Os vidros e as telhas ficaram todas feitas pedaços. Demandam-se com toda a instancia das terras circumvisinhas materiaes e mão d'obra. Calcula-se o prejuizo em mais de 100:000 duros: — os campos, porém, ficaram incolumes.

Estremoz, 2 de Julho de 1849.

G. L.

Circenses.

611 O Padroeiro d'esta cidade, e filho d'ella, foi festejado grande e vistosamente em um arrayal em Alcantara, no domingo ultimo, e na segunda feira.

A Companhia da municipal d'aquelle districto foi a que mais concorreu para esta festa. O seu quartel achava-se armado com bastante elegancia, sobretudo a sala onde os soldados jantam.

No domingo foi propriamente a festa, que se prolongou ainda na segunda feira, e terminou por um vistoso fogo de artificio, que se deitou no largo do Palacio das Necessidades.

O fogo era muito e bem feito, e serviu de recreio a mais de seis mil pessoas, que se apinharam n'aquelle largo para o verem. Começou ás dez e meia da noite, e findou quasi ás onze e meia.

Reinou sempre a melhor ordem, devido isto ao bom senso dos que assistiam áquella festa, e aos louvaveis esforços d'aquella Companhia municipal, que por isso é credora dos maiores elogios.

Panem et circenses.

Homicidio.

612 Na noite de quarta para a quinta feira da ultima semana, dois guardas da Alfandega das Sete Cazas, andando de ronda, encontraram um homem carregado com um odre cheio de vinho. Como lhes cumpria, procuraram prender o *candongueiro*, e tomar-lhe o vinho. O *candongueiro*, que se julgou homem para dois, resistiu tenazmente, conseguindo levar debaixo e ferir um dos guardas. O companheiro d'este, para livrar o seu camarada, feriu mortalmente o *candongueiro*, que poucas horas depois expirou.

O guarda acha-se preso.

Bom seria, que, para se evitarem desastres taes, houvesse summa moderação nos empregados fiscaes; se assim fosse, não haveria agora que deplorar talvez a perda de dois homens na sociedade.

Cautella nos banhos.

613 Um pobre galucho, soldado de um regimento da guarnição de Lisboa, que se achava destacado em Aldêa-Galega, n'estes dias de calores, foi-se banhar ao rio; sabendo mui pouco nadar, a corrente levou-o para cima do lodo, atolando-o até aos joelhos. O soldado, com pouco tino, abaixou-se para com as mãos desprender os pés, e fica tambem com ellas presas no lodo.

Por mais diligencias que se fizeram para o salvar, não foi possivel; só no dia seguinte, em maré baixa, e com ajuda de umas redes, o poderam arrancar do lodo. Trazia os olhos e a carne tenra das faces comidos pelos carangueijos.

Cholera-Morbus.

614 O violento augmento d'esta molestia, apparecido momentaneamente, cessou os seus estragos. Depois da tempestade de 8 de Junho, que parece ter limpo a atmosphera, e de a ter expurgado dos miasmas que a infectavam, o numero dos doentes atacados pelo flagello, tem ido diminuindo successivamente. Este melhoramento feliz fez-se notar não só nos doentes tractados nos hospitaes. mas tambem nos tractados em suas cazas. O mappa seguinte demonstra o que se acaba de referir.

Nos hospitaes:

6 de Junho	138	mortos
7	162	»
8	178	»
9	148	»
10	163	»

Nas cazas:

1 de Junho	77	»
2	136	»
3	324	»
4	318	»
5	379	»
6	392	»
7	381	»
8	489	»
9	429	»

Felizmente desde este dia a cholera tem diminuido consideravelmente, e em jornaes do dia 27 do mez passado lemos, qne a epidemia apenas tinha arrebatado, no dia 22 d'aquelle mez, 97 pessoas, quer nos hospitaes, quer nos domicilios particulares.

COMMERCIO.

615

ALFANDEGA DO TERREIRO PUBLICO EM 30 DE JUNHO.

Generos	Moios	Preço por alqueire
Trigo	6:522	360 a 560
Milho	576	260 a 340
Cevada	1:425	200 a 240

Cereaes em 11 de Julho.

Trigo do reino rijo	de	320	a	360	réis	a bordo.
» » molle	de	380	a	420	»	»
» da ilha	de	340	a	370	»	»
Milho do reino	de	250	a	260	»	»
» da ilha	de	205	a	210	»	»
Cevada do reino	de	160			»	»
» da ilha	de	150			»	»
Centeio do reino	de	200	a	205	»	»

Praça de Lisboa, 11 *de Julho*. — Tem havido bastantes transacções sobre os papeis de credito; e os Fundos publicos de 5 por cento estão firmes em 52 a 52 $\frac{1}{2}$. — Acções do Banco de Portugal tem havido compras por 478$800 rs. — Acções sobre o Fundo de Amortisação ha vendedores por 40 por cento, mas o mercado para grandes sommas não passa de 38 por cento.

— Agio das Notas do Banco de Lisboa desde 13 de Junho até 11 de Julho.

		Por moeda Compra	*Venda*
Junho	14	1$860	1$820
	16	1$880	1$840
	18	1$920	1$880
	19	1$860	1$840
	20	1$840	1$800
	21	1$850	1$820
	22	1$860	»
	23	1$850	»
	25	1$830	1$800
	26	1$820	»
	27	»	»
	28	»	»
	30	1$830	1$800
Julho	2	1$830	1$800
	3	»	»
	4	1$840	»
	5	»	»
	6	1$850	1$820
	7	»	»
	8	»	»
	9	1$870	»
	10	»	»
	11	»	»

Expediente.

ESCRIPTORIO — RUA DOS FANQUEIROS N.° 82.

Correspondencia franca de porte — AO REDACTOR E PROPRIETARIO DA REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Assignatura.

Doze numeros	$600 réis.
Vinte e quatro ditos	1$200 »
Quarenta e oito ditos	2$400 »

A Redacção deste Jornal acceita e agradece qualquer noticia fidedigna e interessante que lhe seja enviada.

Todos os artigos, não assignados ou marcados, pertencem á Redacção.

— Recebemos um folheto com o seguinte titulo *Mousinho da Silveira*, por *De Almeida Garrett*, do qual faremos a honrosa e especial menção que merece.

— Já está em nosso poder o 8.° artigo sobre a Litteratura, pelo Sr. J. Silvestre Ribeiro.

— Recebemos dois exemplares do volume 1.° da traducção portugueza das Conferencias, feitas na cathedral de París pelo padre Lacordaire.

— Recebemos o *Defensor*, jornal politico do Porto, que novamente se publica.

— Recebemos o 1.° numero do Jornal de Medicina e Sciencias Accessorias, redigido pela Sociedade Emulação Medico-Cirurgica de Lisboa.

— Agradecemos o artigo que nos remetteu o Sr. Silvestre Bernardo Lima.